

Quando a reportagem chegou ao Arquivo Público Municipal de Olinda Antonino Guimarães estavam reunidos homens e uma mulher conversando em volta de uma mesa no térreo do prédio, que funciona na Rua de São Bento, no Sítio Histórico. O repórter foi se aproximando, ouvindo a conversa e a emoção se fez presente em um lugar tão rico de passado. Se a pauta era sobre o grande acervo material guardado ali, como 70 mil fotografias ou um documento de 1537, a preciosa memória dessas pessoas também mostrou ser um registro importante. Sabem como ninguém o quão fundamental é conhecer o ontem para a preservação do hoje, e o planejamento do futuro.

A Lei para o funcionamento da instituição é de 1975. Tratando-se de uma cidade histórica, caminhar pelas salas e andares do prédio é (re)descobrir um legado que vem de longe. O Foral, de 1537, é uma espécie de certidão de nascimento de Olinda e do surgimento do Brasil. Assim explicaram com toda atenção os funcionários do local: Aneide Santana e Alexandre Dias. Os dois, juntos com Flávio Santana, são servidores efetivos e cuidam de toda essa riqueza.

Naquela mesa do início da matéria, estavam com eles pessoas que se orgulham em se identificar como “Amigos do Arquivo”, amantes de Olinda. Como um dos maiores, se não o maior, conhecedor da história do nosso Carnaval, José Ataíde; o arquiteto Plínio Vítor; e o contador Joacir Lins. A dica, quando for lá, é parar e conversar com eles sobre a cidade. Escutar o que viveram e ouvirem falar.

É comum encontrá-los reunidos, ou pelo menos um dos amigos, durante o horário de funcionamento, das 7h30 às 13h30, de segunda a sexta. O telefone é o (81) 3305-1150. A instituição recebe estudantes, pesquisadores ou outros interessados que buscam conhecer a cidade que é Patrimônio da Humanidade, concedido pela Unesco em 1982. Este título inclusive, explica Aneide, está intimamente ligado ao surgimento e estruturação do Arquivo. “Foi preciso realizar um trabalho difícil de levantar uma série de documentos para que a

cidade fosse reconhecida”, afirmou.

Ele começou a funcionar com a atual estrutura, na casa da antiga residência da família Coelho Leal, na Rua de São Bento, em 1996. No que é considerada uma segunda fase importante. Até então, o Palácio dos Governadores era a sede do Arquivo. Já partindo das novas instalações, foram realizadas incursões em várias cidades do Brasil, sobretudo Rio de Janeiro, e do mundo em busca do material que hoje pode ser conferido em Olinda. Só em Portugal, o trabalho durou de 1996 até 2002.

Entrar no Antonino Guimarães, nome dado em homenagem ao líder comunista, é viajar no tempo com Duarte Coelho e as Capitanias Hereditárias, de 1537; conhecer o surgimento da Vila que nos deu origem; a invasão dos holandeses, pesquisar roupas, costumes de diferentes épocas. Assim como casarios históricos, ruas com traçados antigos. A vida que se tornou patrimônio e fez a Marim dos Caetés conhecida no mundo todo.

Além das fotografias; linha de impressos; hemeroteca; plantas, registrando construções centenárias; o espaço conta com biblioteca e área para estudos. Fora um jardim florido na entrada, que entrega a cada visitante um sopro de ar fresco como passaporte de uma instigante viagem no tempo.





